

1. ROTINAS E CRIAÇÕES LITERÁRIAS: ECOS DE DEIR EL MEDINA

MARGARET MARCHIORI BAKOS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

1. À GUIA DE INTRODUÇÃO

O presente capítulo propõe-se a analisar textos escritos no contexto africano, entre o II e o I milênio a.C. Nessa época, na Europa, sequer se sabia escrever, e as marcas humanas eram ainda muito toscas. Um dos objetivos da reflexão aqui apresentada é reforçar a historiografia, que aponta a primazia da participação afro-oriental nas criações literárias. Tais conhecimentos foram trazidos por gregos e fenícios para o continente europeu. Esses últimos, inclusive, foram os inventores do alfabeto adotado posteriormente por gregos e latinos, tendo como inspiração os hieroglifos egípcios e a escrita cuneiforme da Mesopotâmia.

Aristóteles (384-322 a.C) dizia, como segue, em tradução latina, “*Aegyptum plerique Asiae, plures Africae adiungunt*” (MANFREDI, 1989: 253-8). Como se pode ver, o sábio já valorizava os egípcios pelas contribuições que, dentre muitas outras, seu povo legou à herança cultural africana. mas, ainda

que o espaço dos egípcios tenha sido minimizado pelos colonialistas europeus, conforme alerta Homi Bhabha (BHABHA, 2007: 50), não se deve, como ressalta o egiptólogo francês Georges Posener (1906-88), “tentar a qualquer preço tornar a literatura egípcia a fonte em que beberam todos os outros povos da antiguidade.” (POSENER, 1993: 233).

Segundo Posener, devem-se buscar os elementos que encontrem paralelo em gêneros explorados mais tarde, em temas tratados em outras partes e em formas literárias empregadas até o presente: os egípcios foram precursores em muitos campos, mas são os interesses particulares de cada leitor que possibilitam determinar o que, na literatura egípcia, representa um real legado, evoca uma imagem familiar e/ou uma lembrança específica.

As fontes inspiradoras deste capítulo constituem-se de registros, conservados pelo clima seco do Egito, localizados por pesquisas arqueológicas em solos arenosos. Tais registros encontram-se inscritos em suportes diversos – papiros, ostrakas, monumentos e paredes de tumbas –, havendo sido redigidos, no calor da emoção e/ou impostos pelo dever, pelos operários faraônicos. A literatura egípcia, segundo Adolf Erman (ERMAN, 1995: vii), precursor nas suas transliterações, merece ser conhecida, por ser pioneira no mundo da prosa e da poesia. Os textos aqui analisados, marcados muitas vezes com traços de suavidade ou de forte ironia, foram selecionados por sua temática: ensino, vícios, sexo e poder.

O que motivou a seleção desse *corpus documental* foi a necessidade de conferir visibilidade à força de expressão de uma literatura ainda pouco conhecida no Brasil, nunca antes reunida e assim apresentada. Ele pode ser explorado em sala de aula para o desenvolvimento de uma reflexão mais aprofundada sobre efeitos capilares das microtécnicas de poder ativas na

política e no cotidiano de Deir el Medina. Dentre esses documentos, os literários, sem dúvida, constituem-se em formas de exercício e aplicação do poder (FOUCAULT, 1982: 78).

Apontamentos sobre a história de Deir el Medina

O nome “Deir el Medina” que, em árabe, significa “O mosteiro da vila”, preserva, na sua própria tradução para a língua portuguesa, marcas dos três séculos de dominação romana cristã, época em que ali se construiu um templo da nova religião. De fato, a dominação romana no Egito teve início no séc. I d.C., com a vitória de Otávio na Batalha de Actium, finalizando somente após a adoção do cristianismo pelos romanos no séc. IV d.C. O nome pelo qual a vila é mais conhecida, Deir el Medina, revela, por outro lado, a imposição da língua árabe pelos muçulmanos, os governantes do Egito a partir da conquista de al-Ási, em 642 d.C. Curiosamente, não obstante, foi essa vila, situada no Alto Egito, o local onde melhor se preservou a herança faraônica literária e artística.

Em Deir el Medina, viveram os trabalhadores encarregados da construção e decoração, nos vales da região tebana, dos templos, tumbas e obeliscos, alguns deles monumentais, dos faraós, de seus familiares e da nobreza egípcia, a partir da XVIII dinastia (1550-1307), responsável pela expulsão dos hicsos, até o início do 3º Período Intermediário. A morte de Ramsés III determinou, com o final da XX dinastia e a criação da XXI dinastia (1070 a.C.), o abandono da região e o retorno da corte para o Baixo Egito.

O tom didático que perpassa a documentação encontrada na vila abandonada e soterrada por quase dez séculos - as escavações começaram a acontecer a partir do século XVIII d.C. - conferem à rotina de ensino da época uma atualidade inusitada.

2. ROTINAS E CRIAÇÕES LITERÁRIAS

No velho reino, em aproximadamente 3050 a.C., já se empregava, nas mastabas de Saqqara, na região do Delta, a expressão:



que se translitera sS e se traduz como o escriba.

Quando a vila de Deir el Medina foi criada, os escribas eram os mais importantes funcionários reais, responsáveis pelas trocas culturais internacionais desde o período de sua criação, 1550, até 1070 a.C., início da decadência da cultura egípcia, fase denominada pela historiografia, como oriente antigo. Deir el Medina, devido à própria proposta de criação da vila, passou a abrigar uma elite de artesãos; dentre eles, os conhecedores da escrita eram os mais importantes, pois a construção das tumbas da nobreza e dos faraós implicava a narração de seus feitos.

Para os antigos egípcios, o ato de escrever, cujas origens eram por eles desconhecidas, significava bem mais do que o mero registro de um nome, coisa ou pessoa: representava a sua própria criação. Eles atribuíam o desenvolvimento dessa habilidade aos ensinamentos de um deus, Thot, o que tornava os seus práticos – os escribas – seres especiais, possuidores de conhecimentos de caráter divino. Assim, o escriba, ao dominar a escrita, adquiria um poder extraordinário naquela sociedade, pelo valor que nela se conferia à perpetuação, através do registro, de pessoas e fatos significativos.

A idealização desse ofício já aparece registrada em um texto específico da XIX dinastia, conhecido como “A sátira dos ofícios”, cuja autoria é atribuída a Dua-Khety. Ele contém o discurso de um pai ao filho. A narrativa, que ilustra a preocupação do genitor para com o futuro do filho, ressalva que a profissão do escriba é aquela que promete uma vida melhor; daí por que é enaltecida pelo progenitor.

O gênero mais antigo de textos egípcios é o de sabedoria, do tipo “Instrução de um homem sábio ao seu filho”; esses textos visavam a transmitir a experiência e instruir os descendentes na arte de viver. Dentre eles, o mais antigo é o de Djoser (III Dinastia, por volta de 2650 a.C.), que seria deificado no período tardio; entretanto, nada mais resta dele, a não ser o registro de sua existência.

Em “A sátira dos ofícios”, que tem por cenário a viagem de pai e filho rumo à Escola de Escrivas, na qual o garoto vai estudar, o progenitor descreve os diferentes ofícios e esclarece o jovem sobre todos os ofícios e especifica para o jovem todos aqueles disponíveis para ele no antigo Egito, arrolando, com muita precisão, os problemas intrínsecos a cada uma dessas várias atividades.

Dua Khety discorre sobre quinze ofícios, que vão do de oleiro, bastante cruel, porque obriga a remexer na lama como um porco, ao de pescador, o mais sofrido, porque tem os crocodilos como companheiros de labuta. Em contrapartida, Dua Khety elogia as condições de trabalho e refere as recompensas recebidas por aqueles que sabem ler e escrever, salientando sua principal vantagem: “não há profissão sem chefe, exceto a do escriba. Ele é sempre tratado com dignidade por onde quer que vá”.

Sabe-se que a cópia e a memorização de textos, como a “Sátira dos ofícios”, era parte importante do processo de formação do aprendiz de escrevinhador, cujo início se dava aos quatro anos de idade e só finalizava aos dezesseis. O aprendizado da escrita era lento e servia apenas para expressar uma língua literária, arcaica, diferente da linguagem falada. Os métodos de ensino, de um empirismo sofrido, compreendiam dois ciclos de estudo. O primeiro, consistia na memorização, pela repetição, de listas de hieróglifos, numerados e classificados na categoria, juntamente com os seus significados. Depois, os jovens passavam aos exercícios de cópias de textos religiosos: as rezas a

Thot, as Lições de Sabedoria¹, as máximas de ordem moral, as cartas privadas; e, finalmente, eram iniciados nas práticas de composição. O título egípcio atribuído às *instruções* sugere que esses textos constituíam-se em trabalhos didáticos, compostos por máximas e preceitos (JAMES, 1969: 96).

Entre os comportamentos que um escriba devia aprender, salienta-se o hábito da discrição. Dua Khety ensina seu filho a não tomar partido em discussões, a manter distância dos oficiais, a não interromper as pessoas, a não falar de coisas secretas e a afastar-se de desordeiros. Aconselha ainda o garoto a ser moderado nas palavras, a comer e beber pouco, a ouvir mais do que falar e a elogiar os competentes.

A rotina dos estudos, que tinha por objetivo a memorização dessas lições pelos aprendizes, era bastante rígida, impedindo o jovem de folgar em dias festivos. Sabe-se disso pelas análises feitas em diversos papiros literários nos quais o aluno anotava, todos os dias, o trabalho que fazia, na maioria exercícios de caligrafia, corrigidos pelo professor: até os signos malfeitos e as faltas de ortografia encontram-se assinalados com tinta vermelha.

O texto, que segue, tem por ambição demonstrar que nem mesmo a valorização conferida pela sociedade ou as lições ministradas ao longo do processo de aprendizado, impediam o escriba de passar pelos percalços da prática profissional². Ao contrário, passado o longo e penoso período de estudos, atingidas as posições mais proeminentes, o escriba chegava então a um estágio da vida em que a vaidade, característica dos que exerciam esse ofício, em geral cultivada desde a mais tenra infância, tendo em vista a tendência à hereditariedade dessa função, vinha à tona. Ela poderia provocar atritos desagradáveis

¹ A rainha Hatshepsut erigiu quatro obeliscos no templo de Amun em Karnak; dois deles desapareceram. Do par restante, somente um está na posição original, enquanto o outro caiu. Os obeliscos são de granito rosa trazido de Assuan.

² Uma versão deste texto foi apresentada na UNICAMP. Ver bibliografia.

entre os profissionais e tornar a rotina do ofício um exercício penoso, devido aos inúmeros desafios em nível técnico e aos atritos decorrentes dos relacionamentos interpessoais. Tais condições caracterizam a genealogia do “Papiro Anastasi”.

2.1. Papiro Anastasi

Este documento, também conhecido como “Carta satírica”, data provavelmente da XIX dinastia, havendo sido encontrado nas proximidades de Menfis, em Saqqara. (WENTE, 1990: 98). Hori, o remetente da carta, é um escudeiro e escriba das cavalaria reais. Na correspondência, instrui, ao mesmo tempo em que humilha, um colega de ofício sobre os seus deveres em uma campanha de guerra de conquista. Segundo Wente, o autor pretendia que o texto se espalhasse pelas escolas, o que, ao que parece, aconteceu, devido às inúmeras cópias dele encontradas.

Segundo informa Wente, pelo menos 80 ostracas, contendo partes desse texto didático, foram localizadas em Deir el Medina. O papiro Anastasi registra uma disputa, travada entre dois escribas: Hori, lotado na chefia dos Estábulos Reais, e Amenemope, no posto de Comandante do Exército faraônico. A querela gira em torno da competência profissional de ambos, cujos critérios de medição vão sendo apontados e esclarecidos no decorrer da própria narrativa. O texto, registrado em papiro, também conhecido como “Carta polêmica”, está impregnado de um tom humorístico de feição irônica. Sob a forma de sátira, ele revela uma faceta inusitada da corte de Ramsés II (1290-1224 a.C.), referindo diferentes aspectos das relações sociais entre colegas, passíveis de serem encontradas naquela sociedade. A expressão dessas relações se manifesta de diferentes maneiras: através do emprego de uma linguagem cuidadosa, tendo por objetivo a difamação dos seus iguais; via

apelação às raízes pessoais, estirpe privilegiada de escribas, para humilhação do colega de origem social mais humilde; por meio da acusação explícita de adoção, pelo profissional oponente, de meios ilícitos para o cumprimento de tarefas pessoais que rotineiramente faziam parte de suas atribuições.

Em síntese, a história é a seguinte: Hori, escriba dos estábulos, por circunstâncias não explicadas na missiva, envia uma carta para Amenemope, na qual ordena ao escriba militar o fornecimento de grãos para os soldados que estão a seu serviço. Amenemope, entretanto, não segue as instruções e responde à epístola com uma missiva que Hori considera agressiva, confusa e mal-escrita.

A “Carta polêmica” consiste, então, na réplica de Hori. A história antecedente pode ser deduzida pelo relato contido na própria carta, que se estrutura em três momentos distintos: (1) o prólogo, no qual Hori apresenta e sistematiza seus atributos, competências e posto na hierarquia dos escribas faraônicos e se defende dos ataques a essas condições feitas por Amenemope; (2) a longa narrativa, na qual Hori expõe, classifica e discute a inconsistência dos argumentos e da competência de Amenemope para fazer qualquer tipo de acusação; (3) o epílogo formal, no qual Hori sugere a Amenemope que aceite as críticas, reformule sua postura, deixando de lado a arrogância, porque não lhe resta outra alternativa.

Claro está que a polêmica entre os dois funcionários pode ser uma trama inventada, com fins didáticos e morais, para cópia e memorização dos estudantes de escriba. Essa alternativa é bem plausível pelo tom severo que perpassa o texto, moralista e didático, características essas presentes em documentos destinados à cópia e memorização. A despeito dessas possibilidades e, em qualquer uma delas, o texto interessa sobremaneira pelo inusitado da perspectiva adotada e pelo teor retórico, que aponta a existência desse ambiente

escolástico à época. O tom irônico que conduz a narrativa, em alguns momentos, expressa a postura pedante de Hori.

Hori ostenta, quando tenta se autopromover, a condição de excelente mestre, indicando-se na terceira pessoa: “tudo que sai de sua boca é mel, suas palavras têm o efeito dos medicamentos que revigoram os corações”. A saudação contida em sua carta é muito longa e revela a erudição do escriba: o conhecimento dos ritos mortuários, dos deuses e dos procedimentos cerimoniais. A presença dessas saudações extensas, nas quais significativos deuses do panteão são convocados a homenagear quem recebe a carta, é traço característico dos textos eruditos dos escribas. Elas são importantes, porque permitem aos escribas a exibição de seus conhecimentos sobre as divindades e a mitologia do antigo Egito. Entretanto, especificamente nessa correspondência, há uma segunda razão para o aparecimento desse trecho: Hori quer mostrar que sabe iniciar corretamente uma missiva e, ao mesmo tempo, evidenciar a rudeza e ignorância de Amenemope sobre as normas dos escribas, comprováveis pela omissão de tais cumprimentos na carta que lhe enviou. Fica claro o caráter didático explícito da missiva quando Hori reclama formalmente que a carta que ele recebeu não possui as saudações iniciais.

No prólogo, Hori fala de circunstâncias pessoais vivenciadas no momento em que recebeu a carta de Amenemope. Suas palavras transportam o leitor para o cotidiano do segundo milênio a.C., para um dos palácios de Ramsés II, o que realmente soa como fantástico para o historiador:

A tua carta me alcançou numa hora de repouso, teu mensageiro me encontrou sentado junto aos cavalos que estão aos meus cuidados. Exultei e fiquei contente e me preparei para responder.

Entrei no meu alojamento para examinar a tua carta. Entretanto, achei que ela não era de elogios e era de insultos: as tuas frases confundiam isto com aquilo, todas as tuas palavras estavam desconexas e não estavam interligadas...

A análise do momento de recebimento da missiva, feita por Hori, ilustra, por um lado, como se processava, na prática, a troca rotineira de informações entre os escribas; por outro, assinala as normas que presidiam então as formas de comunicação entre profissionais da mesma categoria. A reação de indignação do escriba palaciano, quando ele toma conhecimento das características da carta recebida é muito humana e familiar a todos, em situações análogas. De imediato, Hori mostra sua revolta frente à falta de consideração e de reconhecimento ao seu trabalho, presentes no texto. A primeira dúvida que levanta é sobre as condições mentais do colega. Sem receio algum, ele denuncia o tom colérico, que impregna o discurso de Amenemope em toda a carta. Hori diz conhecer muito bem a natureza de Amenemope, razão pela qual lança uma pergunta ao interlocutor: “as tuas frases não são doces e não são amargas; tomaste fel misturado com mel; tomaste mosto misturado com vinho?”.

Qualificando como descontrolado o discurso de Amenemope, Hori passa a discriminar criteriosamente todos os aspectos da carta que julga passíveis de discussão e crítica pelas improbidades cometidas.

Inicialmente, ele acusa Amenemope de não ter escrito sozinho a carta, porque lhe faltaria capacidade para tal feito. A descrição das razões pelas quais Hori levanta essa suspeita tem um peso importante na narrativa, pois provocam a identificação do leitor com esse julgamento. A catarse acontece de forma dramática, quando ele diz que pode até mesmo visualizar o semblante perturbado de Amenemope. Essa acusação fornece uma dupla informação: a primeira é a de que Hori, de fato, conhece

Amenemope; a segunda é a de que a busca de ajuda entre os ajudantes na confecção de relatórios em troca de presentes é uma prática plausível naqueles tempos. Hori diz ao interlocutor: “Teu semblante é perturbado enquanto te levantas enganando os assistentes (?) e dizendo: ‘venham comigo e me dêem uma mão’”.

Mas, além de acusar Amenemope de suborno, Hori afirma que ele é relapso no exercício de suas funções, pois: (1) as listagens que envia estão todas malfeitas, porque foram organizadas por várias pessoas, o que explica sua falta de conexão; (2) as listagens não contêm o selo do Superintendente do Celeiros, o que se constitui em falta grave, uma vez que o selo é obrigatório, após cada distribuição de grãos, para registrar e oficializar a operação. Tais falhas, inadmissíveis, segundo Hori, são da responsabilidade do escriba a serviço do exército.

O escriba das estrebarias reais acusa, ainda, Amenemope de enviar uma mensagem de qualidade inferior para sua posição profissional. Se é difícil discutir a pertinência de todas as críticas, essa não é verificável. A mensagem de Amenemope, se é que existe, não está disponível. Não há como se ter conhecimento de sua aparência ou qualidade literária. Tem-se apenas a informação de Hori de que ela possui quatorze colunas, cada uma delas escrita por uma pessoa diferente.

tua carta é de qualidade inferior demais para se fazer ouvir [...]. Tu te precavéns fazendo saber antes [...] e dizes: “os [papiros] passam o dia amarrados (?) sobre meus dedos, como livros de fórmulas mágicas (?) no pescoço de um doente...”

Hori qualifica os conhecimentos de Amenemope de superficiais, e diz, textualmente:

Chegaste recheado de grandes segredos, recitas uma máxima de Hergedef, mas tu não sabes se ela é boa ou má: que capítulo vem antes dela [...]?

Hergedef, filho do rei Queops, é considerado, tal como Imhotep, um dos homens mais sábios do antigo Egito. Hori acusa Amenemope de ignorar sua importância e de, por isso, ter a coragem de se dirigir a ele de forma descortês: “Tu me dizes: ‘não és um escriba e não és um soldado; te apresentas a ti mesmo como um superior: tu não estás na lista’”.

Hori desafia Amenemope a competir com ele e a repetir tais acusações frente a Onuri, o deus Thinis, para que assim o deus possa decidir a questão e fazer justiça evitando que ele se enfureça posteriormente. Também o acusa de não saber realizar os cálculos necessários para a construção de um lago e de uma rampa.

Curiosamente, nesse trecho do texto, um fragmento da longa narrativa e dos dados numéricos, há uma espécie de pausa nas acusações, com o surgimento de algumas frases em outro tom, dessa vez nada belicoso. Ao contrário, Hori parece querer consolar o interlocutor, na suposição de que ele se sentisse enfraquecido com seus desafios:

Eu era incapaz (?) como tu, antigamente. Unamo-nos para discutir juntos porque meu coração era esperto. Meus dedos dóceis e inteligentes quando tu te equivocas. Adianta-te, não chores.

Mas esse possível diálogo rumo a uma situação de cumplicidade é logo deixado de lado, e Hori retorna ao tom acusatório inicial da missiva. Diz ele: “Te escrevi com lealdade (?), e eis que tu a procura para ti. Tu colocas meus dedos no cepo do açougueiro(?), como um touro na festa, a cada festa do [...(?)].”

Um dos trechos da narrativa mais rico em elementos descritivos é o relato de uma aventura à Síria: a jornada, colorida com maestria pelo escriba, apresenta uma visão da natureza circundante, enriquecida com o detalhamento de imagens fantásticas e paisagens em movimento, devido à presença de animais e práticas exóticas. Esse texto, extraordinariamente belo do ponto de vista estilístico, revela o funcionamento da sociedade erudita de escribas do Novo Reino, altamente qualificados na arte da retórica. Na sequência, Hori refere-se às acusações feitas por Amenemope a ele e novamente propõe outro problema para o escriba dos exércitos, em missão imaginária contra os cananeus (nahainas) e os sciardani (povos do mar), resolver:

Foste mandado para uma expedição na Fenícia (?), à frente do exército vitorioso, para derrotar os rebeldes chamados Nahaina. As tropas que estão à tua frente são 1900; Sciardan 520 (?), Qehaq 1600, Mascinasc 100, núbios 880, total: 5.000 entre todos, sem contar seus oficiais. Te trazem um presente a tua frente: pão, gado e vinho. O número de homens é muito grande para ti e as provisões são escassas para eles: pães de [...] (= doces [?]) 300 doçuras 1800, diversos tipos de 120, vinho 30 (medidas).

Dando continuidade à sua narrativa hipotética, Hori sugere a constatação de que os soldados são numerosos e as provisões insuficientes para os recrutas. No entanto, eles já estão no acampamento, registrados. “Os beduínos ficam olhando furtivamente: ‘que escriba sábio!’, eles dizem”. Ao chegar o horário do meio-dia, o acampamento está ardendo. Todos reclamam que é hora de partir. Há, pela frente, uma longa marcha. Mas eles não recebem nenhum pão e constatarem que já estão muito longe dos quartéis noturnos egípcios. Começam então a questionar o significado desses maus tratos e a reclamar: “sóis um escriba inteligente venha nos dar comida!”

Hori diz que uma tal situação poderia provocar, por ordem de Ramsés, a destruição de Amenemope, se o Faraó tomasse conhecimento dessa circunstância.

Na sequência, Hori expõe um novo desafio a Amenemope:

Um cavalo foi encilhado para ti, veloz como um chacal, de orelhas ruivas, que é como uma tempestade de vento quando sai. Solta as rédeas, toma do arco e vejamos o que saberá fazer a tua mão.

Hori lembra Amenemope de que ele nunca subiu a montanha de Sceu, no Líbano. A descrição densa que faz dessa jornada é impressionante:

Nunca caminhaste, com as mãos agarradas [...], a carruagem é fustigada por cipós enquanto teus cavalos ficam enredados. Oh, deixa [que eu te diga para ...] - barata. Te retrais de tua subida, luta com sua correnteza, vê, o gosto do maher! Tua carruagem pousa sobre teus [ombros], o teu [assistente], está exausto. Chegas a fazer uma pausa à noite; todo o teu corpo está batido e em pedaços, os teus [membros] estão quebrados, cães (?) de sono.

Hori continua: ao acordar, na hora de partir, a noite é pavorosa.

Estás só ao amarrar o cavalo; o irmão não vem para o irmão; um predador entrou no acampamento, o cavalo foi solto; o [...] voltou atrás na noite e roubaram todas as tuas roupas. O teu valete acordou durante a noite e viu aquilo que o predador fez, pegou o que sobrava e juntou-se aos malfeitores, uniu-se às tribos dos beduínos e se fez à maneira de um asiático. Os inimigos vem preda furto e te encontram inerme. Te acordas e não encontras seus traços, muito embora eles levaram tuas coisas: te tornaste

um maher equipado! Enche teus ouvidos: falar-te-ei de outra cidade misteriosa que tem por nome Biblos. Como é? E (como é) a sua deusa? Tu lá não caminhaste.

Lançando um desafio para testar o conhecimento de geografia de Amenemope, Hori passa a questionar os muitos e importantes trajetos que um escriba do exército deveria conhecer e os perigos que deveria saber enfrentar para poder guiar, com segurança, os soldados de Ramsés em suas expedições militares:

Instruas, ti rogo, acerca de [...] outra cidade no mar que leva o nome de Tiro, o porto: a água é levada com barcos, é mais rica em peixes que em areia.

[...] Como o maher pega a estrada para Hazor? Como é o seu curso? Me ponhas na região para ir para Hamat – ao sul do mar da Galiléia -

Vem que eu te conte sobre outras cidades que estão acima delas!

[...] Me instruas, por favor, no que tange à Kina, perto de Megido, me faz conhecer Rehob, me explica Bet-shael e Terekel.

Como se atravessa o rio Jordão?

Expressando um conhecimento extraordinário sobre a geografia do local, Hori pergunta pontualmente sobre a zona de *Meggido*. Ele determina como um *maher*³ deve marchar na frente do exército e propõe uma situação de perigo, minuciosamente descrita:

O desfiladeiro está infestado de beduínos escondidos sob os arbustos. Há os que medem 4 ou 5 côvados da cabeça aos pés com caras ferozes com coração não doce e que

³ As informações sobre a expressão *maher* foram gentilmente enviadas por Ciro Flamarion Cardoso.

não escutam gentilezas. Tu estás sozinho, não tens auxílio contigo, não há um exército atrás de ti, não encontras um guia que te permita passar a zona.

Decides marchar para a frente, muito embora não conheças a estrada. Os calefrios te tomam, os cabelos da cabeça se eriçam, tua coragem está em tua mão. Tua estrada está cheia de rochas e pedras, não tem um traçado transitável, pois está cheio de galhos de arbustos com espinhos [...] Se for lançado para o abismo o teu colar - do cavalo - se solta e cai a tua cinta que segura o cavalo....

Aos poucos, o tom da narrativa vai-se tornando cada vez mais dramático:

Pedes esmola a quem encontras: “oh, me dêem alimento e água, pois cheguei salvo.” Eles fazem ouvidos moucos, não escutam, não prestam atenção aos teus relatos, entras no arsenal. A oficina te circunda, ferreiros estão em teu caminho, fazem tudo o que tu queres e se ocupam de tua carruagem e esta deixa de ser inutilizável. Se apruma de novo o teu timão. [...] Põem um cabo no teu chicote e amarram as cintas...

O caráter didático contido nesse trecho do discurso é bastante provocativo:

Bom senhor, escriba escolhido, maher, que sabe o seu ofício, à frente das tropas, primeiro, da armada, descrever-te-ei os países da extremidade da terra de Canaã. Mas tu não me respondes nem bem. nem mal e não me dás em troca nenhuma informação.

Hori lembra a Amenemope a linhagem de escribas da qual descende e recebe instruções, desconhecidas pelos escribas de origem mais humilde:

Ora, estas furioso por aquilo que te disse porque te pus a prova em todas as funções, meu pai me ensinou e ele sabia como instruir milhões de vezes; eu sei como segurar as rédeas mais que tu que não é capaz.

Não há nenhum bravo que possa se comparar comigo e eu estou iniciado nos segredos de Montu (Deus falcão de Tebas, divindade guerreira, patrono dos soberanos a partir da XI dinastia). É muito justo aquilo que sai da tua língua, mas as tuas frases são muito fracas. Vens a mim envolvido em confusões. Cheio de erros. Escancaras tuas palavras como elas se apresentam, não te dás o trabalho de burilá-las. Perdura naquela direção, apressa-te e não cairás. Como ignoras o fato de ter chegado? De que maneira acabará?

Finalmente, Hori conclui sua missiva:

Me retiro, eis, sou justo.

Curva-te, deixa pesar o teu coração e que ele seja calmo. Não te irrites, mas chega até elas (as coisas que eu te disse).

Abrevio o final de tua carta, respondendo aquilo que disseste. Os teus discursos estão reunidos em minha língua, estão parados sobre o meu lábio: são confusos de se ouvir, não há intérprete que os explique. São como as palavras de um homem do Delta com um de Elefantina.

Entretanto, se és um escriba de grandes portas, palácios, que se refere aos negócios das terras bem e de forma bela para quem olha.

Não digas: “Fizeste feder meu nome junto a outras pessoas!”. Vê, te falei na natureza do maher, atravessai por ti o Retenu (Palestina e Síria), por ti guiei os países estrangeiro para um só lugar e as cidades de acordo com sua posição. Prestemos atenção; olha-as com calma para que tu possas referi-las e que possas te tornar [guerreiro que viajou para o exterior (?)]

Ao finalizar a leitura dessa narrativa, algumas constatações se impõem. Em primeiro lugar, é mister louvar a atualidade do texto, que comove pela forma sistemática e minuciosa como descreve os elementos físicos e humanos do cotidiano dos trabalhadores intelectuais. Possibilitando interpretações diversas, o texto reacende uma polêmica milenar sobre as situações vividas no contexto restrito de trabalho dos escribas eruditos.

Igualmente relevante é a percepção do tom irônico que perpassa a narrativa, marcada pela utilização de estratégias, como a de *reductio ad absurdum* aspectos da relação humana e a de emprego de metáforas fundadas em elementos muito próximos da cosmovisão contemporânea.

Fica evidente, ainda, no texto, a preocupação do narrador em examinar os aspectos psicológicos referentes a pessoas e circunstâncias. Veja-se, por exemplo, a atenção do narrador para os efeitos que críticas apressadas e/ou descabidas e agressivas podem provocar na autoestima e na performance profissional de alguém. Em alguns momentos, Hori preocupa-se em revelar seus próprios sentimentos a esse respeito. Ele pontua principalmente a mágoa provocada pela missiva de Amenemope, que se utiliza de palavras de acusação contra ele. Hori busca, na análise de seu próprio sofrimento, a força e os argumentos para a articulação de sua defesa. Em outros momentos, o escriba reflete sobre suas origens familiares, sobre a firme orientação que recebeu do pai escriba para fazer a sua formação profissional. Ele atribui a essa relação familiar o seu profissionalismo, o excelente caráter e a competência frente ao oponente.

Nesses momentos, o escriba das estrebarias reais parece se compadecer do oponente, mostrando-se comovido com a fraqueza demonstrada pelo escriba dos exércitos, quando lhe expõe os desafios da construção civil e das difíceis jornadas em terras inimigas. Nesses trechos, Hori entremeia o discurso

crítico contra Amenemope com palavras de consolo e de encorajamento. Em nenhum momento, porém, essas passagens generosas atenuam o tom áspero da missiva e o objetivo central da narrativa: mostrar a superioridade pessoal e profissional do escriba das estrebarias sobre o escriba dos exércitos reais.

3. ESCRIBAS E SEXO: CRIAÇÃO DE PODER FEMININO

A presente secção compreende a análise de dois documentos, referentes ao poder exercido por duas mulheres. O primeiro, de caráter histórico, contém o discurso de uma faraona; o segundo refere-se ao testamento de uma mulher do povo, podendo ser um texto criado apenas para cópia e formação de vocabulário dos escribas.

3.1. Texto no obelisco de Makaré Hatsepsut no Templo de Karnak – XVIII Dinastia (1479-1458 a.C)

O texto inscrito no obelisco de Hatsepsut, no Templo de Karnak, é extraordinário do ponto de vista da história política na antiguidade, porque apresenta um processo de construção teórica, que, em tom didático, fala do poder de uma mulher do antigo Egito. O episódio narrado é uma invenção, nascida na corte, e registrada pelos escribas de Deir el Medina.

Para melhor entendê-lo, lembra-se que, com a expulsão dos hicsos do Egito, os príncipes de Tebas passaram a reinar com supremacia e a fazer os seus enterramentos nessa região do alto Egito, elevando o deus Amon à condição de uma divindade nacional. O início desse processo deu-se com o Faraó Ahmose (1570-1546 a.C.), príncipe tebano vencedor dos hicsos, que

reinou cerca de 25 anos, iniciando a XVIII dinastia. Por falta de um herdeiro homem, como o Egito era uma sociedade matrilinear, ele veio a ser sucedido pelo neto, um jovem militar, filho de sua filha, nascida de sua união com a rainha Ahmose Nefertari. O casal de avôs eram, ambos, considerados os patronos de Deir el Medina e, como tal, adorados. O neto e sucessor chamava-se Tuthmosis I.

A história é relevante para este trabalho porque o filho de Tutmosis I também deixou uma sucessão complicada: seus filhos mais velhos morreram antes dele, e restou apenas um, menor de idade, filho de uma esposa secundária, de origem plebéia, que também foi chamado de Tutmosis. Com a finalidade de legitimar sua posição, a criança, entronada como Tutmosis II, casou com sua meia-irmã Hatsepsut, de origem mais nobre que ele, pois era a filha mais velha de Tutmosis I com a Rainha Ahmose Nefertari.

Tutmosis II, por sua vez, teve um filho com Isis, uma mulher do harém, e desejou indicá-lo antes de morrer como seu herdeiro, com o mesmo de nome nascimento dele e do avô. Entretanto, o herdeiro era apenas uma criança quando subiu ao trono e foi sua madastra e, ao mesmo tempo, tia, Hatsepsut⁴, a pessoa indicada para ser sua corregente.

Importa ainda informar que Hatsepsut, que se recusou a casar novamente, mas teve filhos com o seu arquiteto, Senenmut⁵, que, provavelmente por sua importante posição e funções, levou os escribas ao registro de uma história fantasiosa: o próprio deus Amon teria engravidado Ahmosis Nefertari e, por tal razão, Hatsepsut, sendo de origem direta divina, teria direito ao governo do Egito, em lugar do jovem Tutmosis.

⁴ Neferura, filha, Robins, 45.

⁵ Hatsepsut recusou casar, mas teve filha com um Senenmut, um gênio da arquitetura egípcia que lhe ergueu um fabuloso templo – Deir el Bahari – e quatro beliscos em Karnak.

Essa astúcia permitiu a Hatsepsut usurpar do enteado e sobrinho o mando do Egito por vinte longos anos. Com a morte da rainha, não obstante, Tutimosis foi entronado, como Tutimosis III. Ele mandou apagar, de todos os monumentos construídos por Hatsepsut, o nome dela. Os avanços da egiptologia, na modernidade, desvelaram, entretanto, essa história através dos indícios deixados nas pedras que sobreviveram e guardaram a memória da mulher que ousou usurpar um trono real.

Em algum momento, enquanto tutelava o futuro Tutimosis III, Hatsepsut abandonou os títulos e insígnias de esposa real de Tutmês II, assumindo a titulação de um faraó. Ela se fez representar nos monumentos, como homem. Para suporte de sua legitimidade como governante, ela mandou construir textos que contavam ter sido ela a escolhida pelo pai para ser sua sucessora e, mais ainda, assim apresentada por ele à corte e a todos os deuses do Egito. Ela também fazia que fosse narrado o mito de seu nascimento divino, representado não só em seu templo mortuário em Tebas, como também em seus obeliscos. Neles, a imagem do deus Amon-Ra é mostrado com a rainha mãe, a rainha Ahmose, seguida pelo seu nascimento. Será que algum escriba leitor dormiu alguma noite preocupado por ter comandado tais inscrições no obelisco?

O fato é que uma coluna de inscrições em hieróglifos foi esculpida nos quatro lados de um obelisco de 30m. de altura⁶. O texto, segundo Lichteim, enfatiza quatro pontos: a devoção de Hatsepsut por seu pai divino Amun e pelo terreno Tutmosis I; o valor em ouro investido no monumento; e, finalmente, o seu direito ao trono do Egito por indicação do deus Amon. Referências no masculino e no feminino aparecem para designar

⁶ Minha majestade começou o trabalho no ano 15, segundo mês do inverno, dia 1º, terminando no ano 16, quarto mês do verão, último dia, totalizando sete meses de trabalho na pedreira. Os ignorantes e os sábios sabiam disso.

a pessoa da rainha: ela é, ao mesmo tempo, o filho e a filha de Amon. Pela sua importância, transcreve-se, a seguir, o discurso da rainha neste monumento que, pela originalidade em língua portuguesa, segue na íntegra:

Eu fiz essa doação com um coração cheio de amor por
meu pai Amun;
Iniciada em seus ocultos começos,
Informada com seu benéfico poder,
Eu não esqueci qualquer coisa que ele ordenou.
Minha majestade conhece sua divindade,
Eu ajo segundo o seu comando;
É ele quem me guia,
Eu não planejo nenhum trabalho sem sua execução.
É ele quem dá todas as direções,
Eu não dormi por causa do seu templo,
Eu não extraviei do que ele comandou,
Meu coração era Sia (a personificação do conhecimento)
diante dele.
Eu entrei nos planos de seu coração.
Eu não dei as costas para a cidade do Senhor de Tudo
Melhor eu voltei minha face para ela.
Eu sei que Ipet-Sut é o lugar da luz na terra,
A montanha majestosa dos inícios./
O olho sagrado do Senhor de Tudo,
O seu lugar favorito que gera a sua beleza,
Que reúne os seus seguidores.
E é o rei ele mesmo quem diz:
Eu declaro perante o povo quem serei no futuro,
Quem observará o monumento eu fiz para o meu pai,
Quem participar na discussão,
Quem olhar para a posteridade –
Isto foi quando sentei no meu palácio,
E pensei em meu criador,
(15) Que meu coração me levou a fazer para ele

Dois obeliscos de eletro,
Cujo cume atingiria o céu,
Em majestoso hall de colunas,
Entre dois grandes portais do rei,
O Touro forte, Rei Aakherkare, o Horus triunfante.
Agora meu coração volta-se para cá e para lá,
Pensando o que o povo dirá,
Aqueles que verão o meu monumento de pois de anos,
E falarão sobre o que eu fiz.
Acautelem-se de dizer, “Eu nada sei, Eu nada sei:
Porque isto foi feito?
Para moldar uma montanha de ouro,
Como alguma coisa que merecidamente aconteceu”
Eu juro, como eu sou amada de Re,
Como Amun, meu pai, me favoreceu,
Como minhas narinas estão refrescadas com vida e
domínio,
Como eu uso a coroa branca,
Como apareço com a coroa vermelha;
Como os dois senhores repartiram (20) repartiram suas
porções para mim,
Como eu governo esta terra como o filho de Isis.
Como eu sou poderosa como filho de Isis,
Como eu sou poderosa como filho de Nut,
Como Ra descansa no barco noturno,
Como ele predomina no barco matinal,
Como ele associa suas duas mães no no barco divino,
Como o céu suporta, e sua criação perdura,
Eu serei eterna como uma imperecível estrela,
Eu descansarei na vida como Atum –
Assim como em relação a esses dois grandes obeliscos,
Feitos com eletro por minha majestade por meu pai,
Amun,
Em ordem que meu nome possa durar neste templo,
Para a eternidade e para sempre.
Eles são cada um deles blocos de duro granito,

Sem, sem fendas, sem juntura entre eles.
 Que alguém que ouça possa dizer,
 ‘É uma basófia, “O que eu disse”;
 Pelo contrário dizer, “Isto é próprio dela,
 Ela é devotada a seu pai!”
 Veja, o deus me conhece bem,
 Amun, Senhor do Trono das Duas Terras;
 Ele me fez governar (30) a Terra Preta e a Terra Vermelha
 como recompensa,
 Ninguém se rebela contra mim em todas as terras.
 Todas as terras estrangeiras são submetidas a mim.
 Ele colocou minhas fronteiras nos limites do céu.
 O que Aton cinge trabalha para mim.
 Ele deu-lhe isto que veio dele,
 Sabendo disso eu vou governar por ele.
 Eu sou sua filha na verdadeira verdade.
 Aquele que serve ele, que sabe o que ele ordena.
 Minha recompensa de meu pai é vida-estabilidade-lei.
 No trono de Horus sobre todos os que vivem, eternamente,
 como Ra.
 Lichteim p.27-29 v.II

(Tradução livre de MMBakos)

Na genealogia do poder de Hatsepsut, emerge a competência do escriba como o criador de palavras, condição que caracteriza a função de escriba leitor, desenvolvida juntamente com o poder do faraó. O mito de Hatsepsut conta uma história sagrada, que se passou em um determinado período histórico (1498-1483 a.C.). Sua criação foi obra de funcionários reais altamente qualificados no domínio da escrita. Concorde-se, assim, à luz do pensamento de Raoul Girardet, que esse mito político, como os modernos, é fabulação, embora ele também exerça uma função explicativa, “fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos

desconcertante dos fatos e dos acontecimentos” (GIRARDET, 1987: 13) Por esse mito, pode-se compreender a desditosa saga da família dos Tutimosis. É mister notar ainda, tendo como inspiração as concepções de Girardet, que ela mobiliza os escribas e esses as pessoas que circulavam no Templo de Karnak, algumas capazes de ler em voz alta esse texto, veiculando-o em tom profético. O fato de Hatsepsut ter conseguido apresentar uma interpretação, com poder explicativo, objetivamente irrecusável do real de seu contexto, permitiu que uma mulher governasse em nome do deus Amon, uma plêiade de nobres e plebeus por vinte anos. E, mais ainda: a construção de um tempo mortuário fabuloso em Deir el Bahari; o envio de uma expedição à terra de Punt que trouxe riquezas fabulosas ao Egito, deixando o tesouro cheio para seu sucessor iniciar a fase mais belicosa do antigo Egito. Como é fato sabido, Tutimosis III é conhecido na egiptologia como o Napoleão Bonaparte do Novo Reino!

3.2. XIX Dinastia – Testamento de uma plebéia: Naunakhet

Este texto, inscrito em um papiro, é oriundo da vila de Deir el Medina. Ele revela uma história muito peculiar, registrando as vontades de uma mulher, Naunakhte; dele se possuem quatro cópias, encontradas em diferentes momentos. O documento é peculiar pelo fato de tratar das vontades de uma mulher, definindo o acesso, posse e administração de seus bens pessoais.

A vontade de Naunakhte, cujo nome significa Tebas está vitoriosa, inicia com a data de sua redação: ano 3, quarto mês da estação da inundação, de Sua Majestade o Rei do Alto e Baixo Egito, o Senhor das Duas Terras, Ramsés V, a quem, na saudação inicial, é desejada vida eterna. A seguir, segue-se a exposição do texto que trata das disposições estabelecidas pela

cidadã sobre o destino a ser dado às propriedades, apresentadas perante uma corte composta por 14 homens. Era uma corte pequena, explica o egiptólogo tcheco Jaroslav Cerny (1898-1970), talvez devido ao caráter privado do assunto. Todos os membros da corte são citados nominalmente, acompanhados da especificação das atividades por eles exercidas. O discurso informa, assim, sobre a possibilidade de participação no tribunal de diferentes categorias de trabalhadores de Deir el Medina, desde escribas, desenhistas e outros funcionários até de operários não especializados.

A fala apresentada, no tribunal, enuncia a posição social de Naunakhet, expressa de forma objetiva:

Eu sou uma mulher livre da terra do Faraó. Eu criei oito servos seus, dei-lhes vestimentas e toda sorte de coisas que são normalmente feitas para pessoas de sua posição social. Mas olhe, eu envelheci, e olhe, eles não estão cuidando de mim na minha vez. Quem deles tenha me ajudado, a ele eu darei meus bens, mas quem não tem me dado nada, para ele eu não darei meus bens.

Na sequência, Naunakhte indica como seus herdeiros três filhos homens, nomeados simplesmente como trabalhadores. A um deles, ela destina um prêmio especial: uma tigela de bronze. Ela também aponta uma filha, a quem ela dá alguns pertences. A seguir, Naunakhte elabora uma nova lista na qual constam os nomes dos quatro filhos restantes, um trabalhador e três cidadãs que não devem participar da divisão de 1/3 de seus bens pessoais, mas apenas dos 2/3 do pai deles. O escriba de Deir el Medina, Amennakht, endossa esse desejo.

Como essa liberdade de expressão de Naunakhte foi socialmente construída? Esse evento só se tornou conhecido, porque foi encontrado, junto às declarações de Naunakhte, um

registro que evidencia uma querela familiar em torno dessas vontades. O discurso revela o grau de insatisfação que o desejo de Naunakhte provocou junto aos familiares.

Jaroslav Cerny, analisando esse documento, verificou que Naunakhte fora casada duas vezes e que os filhos nomeados no testamento não eram do escriba Kenhikhopshef, o primeiro marido. Eles tinham nascido de sua união com o trabalhador Khaemmun, o segundo esposo. Uma vez entendida a questão da paternidade, fica esclarecida a situação. Como a maior parte dos bens de que Naunakhte dispunha advieram-lhe da morte do marido escriba, ela os repassava apenas aos filhos que a agradaram com carinho, trabalho e comida. Aos demais, dispensou um tratamento severo, com o corte de benefícios materiais e ausência de indulgência. Essa decisão afeta a Khaemmun e alguns dos filhos, fato que gerou descontentamento e tentativa de reverter o desejo expresso por Naunakhte.

Em seus comentários sobre os papiros, Cerny informa que os negócios e as pessoas conectados com o caso de Naunakhte, ao longo do processo, conduzem ao reino de um faraó pouco conhecido da XX dinastia, que se acredita ter sido o segundo sucessor de Ramsés III, havendo reinado por dois anos. Trata-se de um documento de excepcional originalidade, porque há somente dois outros testamentos, além desse, datados do Novo Reino.

O testamento de Naunakhte segue o modelo dos documentos legais egípcios: consiste em depoimentos orais feitos por um grupo perante uma corte e/ou testemunhos, registrados por um escriba profissional. Assim, explica Cerny, o que confere legalidade ao documento não é apenas a palavra escrita e, sim, todo o evento narrado e grafado em um papiro ou ostraca.

O caso de Naunakhte contém outra relevância, porque mulheres são raramente mencionadas em ostracas e papiros da necrópolis. A maioria desses textos tratam do trabalho dos

artesões e dos suprimentos, assuntos extrafamiliares. Entre os homens, deve-se considerar a presença de muitos membros do pessoal de serviço da comunidade: carregadores de água, lenhadores, pescadores, homens que lavam roupa, porteiros, guardas, policiais e funcionários. Essas pessoas não pertenciam à população da Vila no sentido estrito e não se pode saber muito sobre suas mulheres e filhas. De fato, o único tipo de ostraca em que as mulheres figuram são aquelas que registram textos privados: cartas, recibos de vendas e transações de crédito, ações judiciais, especialmente aquelas relativas a heranças, oráculos, etc (JANSSEN, 1997: 55).

Provavelmente essa corte local, perante à qual Naunakhte prestou declaração, conhecia bem sua história de vida, porque seu primeiro marido, Kenhikhopshef, também fora escriba. Além disso, todos os demais membros da corte, composta de quatorze pessoas, ligados ao trabalho de construção da tumba real.

O primeiro marido de Naunakhte, segundo Cerny, foi escriba a partir da segunda metade do reinado de Ramsés II (1279-1213 a.C.), do reinado de Merenptah (1213-1203 a.C.) e dos curtos reinados dos sucessores. É possível que ele não tenha vivido até o início do reinado de Ramsés III, explica Cerny, porque um homem de sua importância teria sido mencionado na documentação do período. A própria Naunakhte era idosa no momento da redação de suas vontades e, por isso, tinha queixas relativas ao fato de ter dado aos filhos deserdados, além do sustento em pequenos, o equipamento necessário para fundarem sua próprias famílias.

Sobre a posição da mulher na Vila de Deir el Medina, é possível, pondera Tyldesley, que, nesse local, com alta taxa de concentração de pessoas educadas, tais como desenhistas, escultores e artistas, com suas famílias, o grau de escolaridade fosse maior do que aquele encontrado nas comunidades dedicadas à

agricultura, nas quais raros seriam os camponeses, homens e mulheres, com capacidade para ler e escrever. Entretanto, poucas mulheres, que normalmente recebiam apenas uma educação primária, seriam capazes de seguir carreiras profissionais. Isto não se devia, explica a autora, à existência de uma proibição de as mulheres ocuparem postos influentes. Na verdade, nada nesse sentido foi encontrado. O fato pode indicar, isto sim, segundo a pesquisadora, que a mulher se envolvesse tanto nos afazeres domésticos que dificilmente tivesse condições de ingressar na formação e no processo de aquisição de uma carreira de trabalho de tempo integral. Além disso, era concedido à mulher o status do marido na comunidade, não havendo necessidade de que ela trabalhasse para ganhos pessoais (TYLDESLEY, 1994: 121).

Uma consideração final sobre os desdobramentos do desejo de Naunakhte impõe-se: ele versa sobre sua auto-apresentação – “uma mulher livre que dispõe de seus pertences”. É importante chamar a atenção para o grau de força e de singularidade desse discurso, naquela sociedade. Nesse sentido, cabe examinar, no próprio texto, as referências contidas quanto ao contexto de produção desse discurso, as quais lançam luz sobre as condições de vida específicas de Naunakhte. Ela é viúva de um homem importante de Deir el Medina, uma comunidade muito pequena, na qual todos se conhecem. As relações familiares dessas pessoas têm uma relevância muito grande, como referencial de status, principalmente quando isso significa o envolvimento da hereditariedade, com funções básicas na estruturação do grupo, como é o caso dos escribas, o que lhes confere uma posição social privilegiada também em nível econômico. Certamente, o texto é muito didático, pois mostra a força de uma mulher, mesmo que ela seja apenas um personagem literário; ela possui, como as mulheres da dramaturgia grega, em época bem posterior, a capacidade de distribuir com justiça benesses e castigos.

Cópias do testamento de Naunakhet foram encontradas em Deir el Medina, juntamente com alguns fragmentos de um texto literário conhecido como as “Máximas de Ani”.

3.3. Instruções de Ani, vinhos, textos e tumbas: inovação no ensino.

As instruções de Ani têm duas características peculiares, conforme explica Miriam Lichteim (1914-2000 d.C.), que as diferenciam das instruções de outros períodos. A primeira é a forma de apresentação do autor que se configura como um homem comum, fazendo-se entender e agradando aos que têm apenas algumas posses e educação mediana; a segunda, localizada no epílogo, diz respeito ao comportamento do filho, que, em lugar de agradecer humildemente a lição recebida, como ocorria nas instruções anteriores, faz objeções não apenas quanto aos sentidos da instrução, como também às suas possibilidades pessoais de obedecer ao que lhe fora ensinado. Com isso, o autor introduz uma nova dimensão de interpretação às instruções: a consciência de que o impacto da instrução poderia fracassar, pois a capacidade de educar tem seus limites (LICHTHEIM, 1976: 135).

As “Instruções de Any” referem muitas vezes a relação entre homens e mulheres, para cujo sucesso o escriba faz quatro recomendações básicas: que o homem tome a mulher, enquanto é jovem; que não a controle em casa, quando sabe que ela é eficiente; que evite mulheres estranhas que apareçam na cidade; e, finalmente, a mais importante para este artigo (até mesmo pelo fato de essas instruções terem sido encontradas com uma das cópias das vontades de Naunakhte) que assegura à mulher um tratamento atencioso por parte dos filhos, porque ela os sustentou em uma canga, amamentou-os até os três anos, limpou os seus excrementos

quando eram nojentos, alimentou-os quando eram estudantes. A retribuição dos filhos evita, segundo Any, que a mãe chore e /ou amaldiçoe a sua prole. A vontade de Naunakhte e o texto de Any apresentam um exemplo de punição exemplar, quando uma mulher não é valorizada em sua condição materna. Talvez essa mensagem esclareça a existência do testamento de Naunakhet, em suas várias cópias, e das próprias “Instruções de Any”, como um discurso de cunho moral para cópia e memorização dos escribas em seu longo processo de formação profissional.

As “Instruções de Any” são conhecidas através de um manuscrito: Papyrus Boulaq 4 do Museu do Cairo, que data das XXI e XXII dinastias. Fragmentos deste texto em quatro ostracas e em um papiro de oito páginas foram encontrados em Deir el Medina (LICHTHEIM, 1974: 135). O texto original foi produzido no Novo Reino, certamente na XVIII dinastia. Como já se referiu, dois aspectos, em especial, distinguem esse texto dos similares. O primeiro é que as “Instruções de Any” têm como autor alguém que se apresenta como funcionário da camada baixa e por objetivo dirigir-se aos homens comuns com educação média e poucas posses. O outro é concernente ao comportamento do filho, que, em lugar de agradecer humildemente a lição recebida, como ocorria nas instruções anteriores, faz objeções não apenas quanto aos seus sentidos, mas também quanto às suas possibilidades pessoais de atender ao que lhe foi ensinado.

Essa nova dimensão, introduzida no processo interpretativo das instruções, pode ser exemplificada com o fragmento das instruções falando de bebida.

Não se permita beber cerveja
Para que pronuncies calamitosos discursos
E não percebas o que estás dizendo.

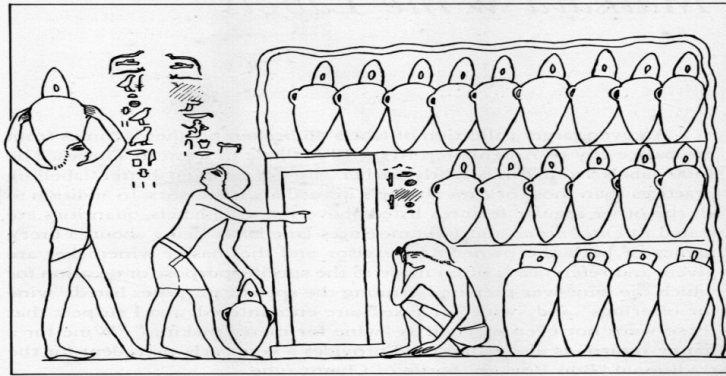
Se você cair e machucar seu corpo.
Ninguém vai lhe estender a mão;
Seus companheiros na bebida
Se levantarão dizendo: ‘fora com o bêbado!’
Se alguém vier para lhe buscar e falar com você,
O mesmo vai encontrá-lo estirado no solo,
Como se fosse uma criança pequena

Essa bebida foi consumida no Egito desde a formação do Estado, como privilégio dos faraós. No texto mágico religioso das Pirâmides do rei Unas da V Dinastia e nos de seus sucessores da VI Dinastia, cinco jarros de vinho estavam incluídos nas oferendas aos deuses. Esses cinco jarros tinham origens definidas (Baixo Egito) e no mínimo dois deles continham nomes de cidades: *Imt* para Buto; *Snw* para Pelusium, nas cercanias do nordeste do Delta (LESCO, 1977: 11).

Pelo texto de Any e diversos outros do gênero instruções, e também pela grande quantidade de cartas e bilhetinhos disponíveis em Deir el Medina, sabe-se que o consumo do vinho, aos poucos, passou, de regalia restrita à nobreza, a bebida mais popular. Nessa direção, vai a fantástica decoração da Tumba 155 de Tebas.

O texto em hieróglifos, de fácil leitura, porque usa de expressões muito comuns, diz o que segue:

O porteiro à esquerda fala sobre o guardador do celeiro:
“Ele está bêbado com o vinho”
O porteiro bate na porta e diz: “O servo está dormindo”.
O servo acordando protesta: “Eu não estou dormindo!”



Tumba Tebana 155.

Desenhado segundo LESKO, 1977: 32

4. PALAVRAS DE ENCERRAMENTO

Muitos poemas de amor do antigo Egito falam sobre vinho. O que segue revela seus aspectos positivos, bem como as vantagens das comidas bem temperadas. Mas, de tudo, o mais importante, são os bons sentimentos...

enquanto penso em meu amor,
 Meu coração em mim se detém
 Eu vejo um bolo açucarado?
 é então sal!
 e o vinho delicioso e doce,
 me parece verdadeiramente fel!
 (NOBLECOURT, 1986: 269)

A forma como se iniciou o presente texto, com a discussão de ideias e informações contidas na “Carta polêmica”, pautada por um tom humorístico de feição irônica, revela, de pronto, facetas inusitadas de escribas reais da corte de Ramsés II (1290-1224 a.C.), tão impressionantes e curiosas

quanto o texto de Hatsepsut inscrito no obelisco, no qual se relata uma história de escalada ao poder contando com a parceria do deus Amon, ou quanto as instruções de sabedoria e o testamento de Naunakhet, que dota de identidade uma mulher do povo. Sem dúvida, esses são textos literários surpreendentes em tempos de um ensino rígido, de ideias e crenças cristalizadas, das quais Homero, Hesíodo, Aristóteles e sabe-se lá quantos outros sábios tomaram conhecimento e/ou leram em versões gregas.

O que mais dizer, para finalizar este estudo sobre as rotinas repetitivas e os desvios sobre elas, operados pelos escribas? É mister parodiar Agnes Heller: os escribas egípcios existiram, eles produziram textos em Deir el Medina. Eles não existem mais, mas seus textos, sim! E, enquanto se fala sobre eles, os escribas viverão. Mais ainda, essas matrizes discursivas, que já emprenharam diferentes concepções, continuaram a perturbar, fomentando discussões sempre atualizadas sobre as capacidades humanas de repetição/criação, em sala de aula. Os europeus que perdoem, mas os afroasiáticos, em especial os egípcios antigos, propuseram bem antes deles práticas e produziram uma literatura didática alternativa de ensino.

Agradeço ao CNPq pela Bolsa de Pesquisa (Pq) concedida para desenvolvimento do projeto intitulado: Correspondências de Deir el Medina: a vida cotidiana no tempo de Dhutmose: (+ - 1085-1070 a.C.).

BIBLIOGRAFIA

BAKOS, M. M. *Fatos e mitos do Antigo Egito*. 2. ed. Porto Alegre, EDIPUC, 2001.

_____. “Desdobramentos de um desejo”. In: FUNARI, P. P. et al. *Amor, desejo e poder na Antiguidade*. Campinas, Unicamp, 2003.

_____. “Percalços de um ofício privilegiado”. *Boletim do CPA*, Campinas, Unicamp, ano V, n. 10, p. 15-39, jul/dez. 2000.

CARDOSO, C. “Tinham os antigos egípcios uma literatura?”. *Phoenix*, Rio de Janeiro, n. 5, 1999, p. 99-120.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2007.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. São Paulo, Difel, 1989.

ERMAN, A. *Ancient Egyptian poetry and prose*. New York, Dover, 1995.

FOUCALT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1989, p. 78.

GIRARDET, R. *Mitos e mitologias*. São Paulo, Schwarcz, 1987.

HELLER, A. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

JANSSEN, J. *Village Varia*. Leiden, Nederlands Instituut Het Nabije Oosten, 1997.

JAMES, T. G. H. *An introduction to ancient Egypt*. London, British Museum, 1989.

LESKO, B. *The remarkable women of ancient Egypt*. Warwick, Wolf Lithograph, 1987.

LESKO, L. *King Tut's wine cellar*. Berkeley, Albany, 1978.

LICHTHEIM, M. *Ancient Egyptian literature*. Berkeley, University of California, 1976.

MANFREDO, M. "The influence of Egypt on Rome in the literary field. Roma e L'Égitto nell'Antichità Classica". *Atti del I Congresso Internazionale Nell'Antichità Clássica*. Cairo, 6-9 fev., 1989.

MOSSÉ, C. *O cidadão na Grécia antiga*. Lisboa, Edições 70, 1993.

POSENER, G. "Literatura". In: HARRIS, J. R. *O legado do Egito*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.

NOBLECOURT, C. *La femme au temps des pharaons*. Paris, Stock Laurence Pernoud, 1986.

TYLDESLEY, J. *Daughters of Isis*. London, Penguin, 1994.

WENTE, E. *Letters from ancient Egypt*. Georgia, Scholars, 1990.